

ELSINORE

JEANETTE  
WINTERSON



A  
PAIXÃO

«Tal como Xerazade, Winterson possui o dom de deslumbrar o leitor ao criar mundos maravilhosos nos quais as leis da plausibilidade ficam suspensas.»

*The New York Times Book Review*

*Tu da casa paterna navegaste,  
coração tresloucado, separando  
do mar os dois escolhos,  
em terra estranha habitas*

*Medeia, Eurípedes*

# ÍNDICE

**11**

O Imperador

—

**69**

A Rainha de Espadas

—

**107**

O Inverno Zero

—

**171**

O Rochedo

—

O IMPERADOR

Conta-se que Napoleão tinha tal paixão por frango que obrigava os seus cozinheiros a trabalharem o dia inteiro. Que cozinha aquela, com aves em todas as fases de amanho, algumas ainda frias e penduradas em ganchos, outras girando lentamente no espeto, mas a maior parte delas amontoava-se e era deitada fora porque o Imperador estava ocupado.

Que estranho uma pessoa ser assim influenciada pelo apetite.

Foi a minha primeira comissão. Comecei por torcer pescoços e não tardou muito até que fosse eu o responsável por levar a bandeja, atravessando palmos de lama, até à sua tenda. Ele gostava de mim porque eu sou baixo. Estou a gabar-me. Ele não desgostava de mim. Ele não gostava de ninguém, a não ser de Josefina, e gostava dela da mesma maneira como gostava de frango.

Ninguém com mais de 1,55 m de altura alguma vez serviu à mesa do Imperador. Ele tinha criados pequenos e cavalos grandes. O cavalo de que ele mais gostava tinha quase 1,75 m de altura, e uma cauda que dava para se enrolar três vezes em volta dum homem e ainda chegava para fazer uma cabeleira postiça para a sua amante. Esse cavalo tinha mau-olhado e houve quase tantos palafreiros mortos na cavalaria quantos os frangos em cima da mesa. Aqueles que a besta não matou com um coice ligeiro tinham sido mandados embora pelo respetivo dono, porque a sua pelagem não brilhava ou porque o freio tinha verdete.

— Um governo novo tem de deslumbrar e surpreender — disse ele.

Pão e circo, creio que foi o que ele disse. Não é, pois, surpreendente que quando conseguimos encontrar um palafreneiro, este tivesse vindo precisamente dum circo e não fosse mais alto que o flanco do cavalo. Quando escovava a besta, servia-se duma escada com base grossa e topo triangular, mas quando a montava para praticar dava um grande salto e aterrava-lhe diretamente no lombo luzidio, e o cavalo empinava-se e resfolegava sem conseguir deitá-lo abaixo, nem sequer com o focinho na poeira e as patas traseiras erguidas para Deus. Depois, desapareciam atrás duma cortina de pó e percorriam vários quilómetros, o pigmeu agarrado às crinas, incitando a montada na sua divertida linguagem que nenhum de nós conseguia compreender.

Mas ele compreendia tudo.

Fazia rir o Imperador e o cavalo não conseguia levar-lhe a melhor, de modo que ficou. E eu também fiquei. E tornámo-nos amigos.

Certa noite, estávamos nós na tenda da cozinha, a campainha começou a tocar como se o Diabo em pessoa estivesse na outra ponta do fio. Levantámo-nos de um pulo, e um correu para o espeto enquanto outro punha cuspo na prata, e eu tive de tornar a calçar as botas, pronto para a caminhada através das rodeiras geladas. O pigmeu riu-se e disse que preferia correr riscos com o cavalo do que com o dono, mas nós não nos rimos.

Cá vai o frango, rodeado de salsa que o cozinheiro faz crescer no capacete dum soldado morto. Lá fora, os flocos são tão densos que me sinto como uma figurinha de criança numa tempestade de neve. Tenho de semicerrar os olhos para seguir a mancha amarela que ilumina a tenda de Napoleão. Mais ninguém pode ter uma luz acesa a estas horas da noite.

Há pouco combustível. Nem toda a gente neste exército tem tendas.

Entro, ele está sentado, sozinho, com um globo à sua frente. Não dá por mim, continua a fazer o globo girar, segurando-o ternamente com ambas as mãos, como se fosse um seio. Tusso ao de leve e ele levanta os olhos, subitamente, com uma expressão de medo.

— Põe-no aqui e vai-te embora.

— Não quereis que eu o trinche, senhor?

— Eu cá me arranjo. Boa noite.

Percebo o que ele quer dizer. É raro, agora, ele pedir-me que lhe trinche o frango. Assim que eu saio, levanta a tampa, pega nele e mete-o na boca. Gostaria que toda a sua cara fosse boca, para se empanturrar com uma ave inteira.

Pela manhã, já não vou mal se encontrar o ossinho da sorte.

Não existe calor, apenas vários graus de frio. Não me lembro de sentir o calor do lume nos meus joelhos. Mesmo na cozinha, o sítio mais quente em qualquer acampamento, o calor é demasiado débil para se espalhar e as caçarolas de cobre embaciam-se. Tiro as meias, uma vez por semana, para cortar as unhas dos pés, e os outros chamam-me janota. Estamos todos brancos, temos os narizes encarnados e os dedos azuis.

A bandeira tricolor.

Para ele, é a maneira de manter os seus frangos frescos.

Serve-se do inverno como despensa.

Mas isso foi há muito tempo. Na Rússia.

Hoje em dia, as pessoas falam das coisas que ele fez como se elas tivessem sido acertadas. Como se mesmo os seus erros mais desastrosos fossem simplesmente resultado de má sorte ou arrogância.

Foi tudo uma confusão.

Palavras como devastação, violação, matança, carnificina, inanição são palavras-ferrolho para manter a dor à distância. Palavras sobre a guerra que são suportáveis à vista.

Estou a contar-vos histórias. Acreditem em mim.

Eu queria ser tambor.

O oficial da recruta deu-me uma noz e perguntou-me se eu era capaz de quebrá-la entre o indicador e o polegar. Não consegui. Ele riu-se e disse que um tambor tinha de ter mãos fortes. Eu estendi a palma da mão, com a noz em cima, e propus-lhe o mesmo desafio. Ele corou e mandou um tenente levar-me para as tendas da cozinha. O cozinheiro avaliou a minha compleição magrizona e considerou que eu não era homem para o cutelo. E não era para mim a barafunda da carne sem nome que tinha de ser cortada para o cozido de cada dia. Disse que eu tinha sorte, que iria trabalhar para o próprio Bonaparte, e, durante um breve e glorioso momento, imaginei um período de treino como pasteleiro, a construir delicadas torres de açúcar e natas. Encaminhámo-nos para uma pequena tenda, com dois guardas impassíveis junto às abas.

— O depósito de víveres do próprio Bonaparte — disse o cozinheiro.

Desde o chão até à abóboda da tenda, todo o espaço estava ocupado por toscas gaiolas quadrangulares de madeira com cerca de palmo e meio de lado, empilhadas umas sobre as outras, deixando entre elas pequenos corredores que mal tinham a largura dum homem. Em cada gaiola havia duas ou três aves, de bicos e unhas cortadas, olhando fixamente através das ripas, com olhos lorpas, todos idênticos. Não sou um cobarde e tenho visto muita mutilação apropriada nas nossas fazendas, mas não



estava preparado para aquele silêncio. Nem sequer um sussurro. Podiam estar mortas, deviam estar mortas, se não fossem os olhos. O cozinheiro voltou-se, para se ir embora.

— O teu serviço é limpá-los e torcer-lhes o pescoço.

Escapuli-me para as docas, e como a pedra estava quente naqueles princípios de abril, e como eu tinha viajado durante vários dias, adormeci e sonhei com tambores e com um uniforme vermelho. Foi uma bota que me acordou, dura e reluzente, com um cheiro a sela que me era familiar. Ergui a cabeça e vi-a pousada na minha barriga tal como eu pousara a noz na palma da mão. O oficial não olhou para mim, mas disse:

— Agora que és soldado, vais ter muitas oportunidades de dormir ao ar livre. De pé!

Ele levantou o pé e, enquanto eu me soerguia atabalhoadamente, deu-me um valente pontapé e, continuando a olhar em frente, disse:

— Nádegas rijas, já é alguma coisa.

Não tardei a ouvir falar na sua reputação, mas ele nunca me incomodou. Creio que o cheiro das galinhas o manteve à distância.

Tive saudades de casa desde o início. Sentia a falta da minha mãe. Sentia a falta da colina em que o sol bate de esguealha através do vale. Sentia a falta de todas as coisas quotidianas que antes detestava. Na minha terra, os campos ficam raiados de dentes-de-leão na primavera e o rio volta a correr preguiçosamente após meses de chuva. Quando chegou o recrutamento do exército, houve um bando corajoso de rapazes que se riram e disseram que era tempo de vermos mais do que um celeiro vermelho e as vacas que tínhamos ajudado a parir.

Alistámo-nos imediatamente, e aqueles que não sabiam escrever colocaram uma otimista mancha de tinta no papel.

No final de cada inverno, a nossa aldeia faz uma fogueira. Eram semanas a construí-la, da altura duma catedral e com um blasfemo pináculo feito de armadilhas partidas e de enxergas infestadas. Haveria vinho com fartura, um baile e uma namorada no escuro, e como nos íamos embora, fomos autorizados a acendê-la. Quando o sol se pôs, enfiámos os nossos cinco tições a arder no coração da pira. Secou-se-me a boca, quando ouvi a madeira pegar fogo e estalar antes que a primeira labareda conseguisse abrir caminho. Tive vontade de ser um homem santo com um anjo a proteger-me, para poder saltar para dentro do fogo e ver os meus pecados arderem. Vou à confissão, mas sem fervor. E isso, ou se faz sinceramente, ou mais vale não o fazer.

Somos um povo tíbio, a despeito de todos os nossos dias de festa e trabalho árduo. Não há muita coisa que nos toque, mas ansiamos por ser tocados. De noite, ficamos acordados na cama, desejosos de que a escuridão se rasgue e nos revele uma visão. Os nossos filhos assustam-nos com a sua intimidade, mas certificamo-nos de que eles venham a ser como nós. Tibios como nós. Numa noite destas, com as mãos e as faces a esquentar, somos capazes de crer que o dia de amanhã nos mostrará anjos dentro de jarras e que bosques bem conhecidos, subitamente, nos revelarão novos caminhos.

Da última vez que fizemos uma destas fogueiras, houve um vizinho que tentou arrancar as tábuas da sua casa. Dizia que não passava do uma fedorenta pilha de esterco, de carne seca e de piolhos. Dizia que ia queimar aquilo tudo. A mulher puxava-o pelos braços. Ela era uma mulherça, acostumada a bater manteiga e ao trabalho do campo, mas não conseguiu segurá-lo. Ele foi enfiando o punho pela madeira seca adentro até a sua

mão se assemelhar a uma cabeça de cordeiro esfolada. Depois, deitou-se ao pé do fogo, toda a noite, até que o vento da manhã o cobriu de cinza refrescante. Nunca falou nisso. Nós também não. Deixou de vir à fogueira.

Às vezes, pergunto-me porque é que nenhum de nós o tentou deter. Penso que queríamos que ele fizesse aquilo, que o fizesse por nós. Que deitasse abaixo as nossas vidas velhas e nos deixasse recomeçar. De mãos abertas, com inocência e simplicidade. Mas não teria sido assim, tal como não poderia ter sido assim quando Bonaparte deitou fogo a metade da Europa.

Mas que outra oportunidade teríamos nós?

A manhã chegou e nós pusemo-nos a caminho com os nossos farnéis de pão e queijo curado. Houve lágrimas da parte das mulheres, os homens deram-nos palmadas nas costas e disseram-nos que ser soldado é uma bela vida para um rapaz. Uma mocinha que andava sempre atrás de mim puxou-me pela mão, com o sobrolho franzido pela preocupação.

— Vais matar pessoas, Henri?

Ajoelhei-me ao lado dela.

— Pessoas não, Louise. Só o inimigo.

— O que é o inimigo?

— Alguém que não está do nosso lado.

Íamos juntar-nos ao Exército de Inglaterra, em Boulogne. Boulogne-sur-Mer, um porto insignificante com meia dúzia de bordéis, tornara-se, subitamente, o trampolim do Império. Apenas a 20 milhas de distância, fácil de ver num dia claro, estava a Inglaterra com a sua arrogância. Nós conhecíamos os Ingleses, sabíamos que eles comiam os filhos e não faziam caso da Virgem Santíssima. E que se suicidavam com um

contentamento indecente. Os Ingleses têm o maior índice de suicídios da Europa. Foi-me dito diretamente por um padre. Os Ingleses, com a sua carne de vaca à John Bull e a sua cerveja espumosa! Os Ingleses, que estão neste momento metidos até à cintura nas águas costeiras de Kent, treinando para afogar o melhor exército do mundo!

Estamos para invadir a Inglaterra.

Toda a França será recrutada, se for necessário. Bonaparte agarrará no seu país como numa esponja e espremê-lo-á até à última gota.

Estamos apaixonados por ele.

Em Boulogne, embora estejam destroçadas as minhas esperanças de tamborejar de cabeça erguida à frente duma orgulhosa coluna, ainda mantenho a cabeça bastante erguida, pois sei que vou ver Bonaparte em pessoa. Ele vem normalmente irritado das Tulherias, e perscruta os mares como um homem vulgar deita contas à vida. Domino, o pigmeu, diz que estar ao pé dele é como ter um vento forte a soprar-nos nas orelhas. Diz que foi assim que a Madame de Stäel o descreveu, e ela é suficientemente famosa para ter razão. Ela já não vive em França. Bonaparte mandou-a para o exílio porque ela se queixou que de que ele censurava o teatro e impedia a publicação dos jornais. Comprei um livro dela a um vendedor ambulante, que o tinha recebido dum aristocrata miserável. Não percebi grande coisa, mas aprendi a palavra «intelectual», que gostaria de aplicar a mim próprio.

Domino ri-se de mim.

À noite, sonho com dentes-de-leão.

O cozinheiro agarrou num frango que estava pendurado no gancho por cima da sua cabeça e, com a mão em concha, tirou um punhado de recheio da tigela de cobre.

Sorria.

– Esta noite, rapaziada, vamos dar uma volta pela cidade, e vai ser uma noite memorável, isso garanto eu.

Meteu o recheio dentro da ave, fazendo girar a mão para conseguir um revestimento uniforme.

– Já todos estiveram com uma mulher, suponho eu?

A maior parte dos recrutas corou e alguns soltaram um riso nervoso.

– Se não estiveram, pois não há nada mais agradável, e se já estiveram, pois bem, o próprio Bonaparte não se cansa do mesmo sabor, dia após dia.

E ergueu o frango, para nós o inspecionarmos.

Eu tinha a esperança de ficar no acampamento a ler a Bíblia de bolso que a minha mãe me deu quando parti. A minha mãe amava a Deus, dizia que Deus e a Virgem eram tudo o que ela precisava, embora estivesse agradecida por ter a sua família. Vi-a ajoelhada, antes do alvorecer, antes da ordenha, antes das papas de aveia espessas, e a cantar em voz alta para Deus, a quem ela nunca viu. Somos mais ou menos religiosos, na nossa aldeia, e honramos o padre, que tem de calcorrear sete milhas para nos trazer a hóstia, mas a fé não nos trespassa o coração.

São Paulo disse que é melhor casar do que ficar abrasado, mas a minha mãe ensinou-me que é melhor ficar abrasado do que casar. Ela quis ser freira. Esperava que eu viesse a ser padre e fazia economias para me dar educação, enquanto os meus amigos trançavam corda e se arrastavam atrás do arado.

Não posso ser padre, porque, ainda que o meu coração seja tão veemente como o dela, posso fingir que me amotino não respondendo ao chamamento. Tenho gritado para Deus e para a Virgem, mas eles não me responderam gritando, e eu não estou

interessado na voz ténue e imperturbável que me chega. Com certeza que um deus pode corresponder à paixão com a paixão, não pode?

Ela diz que pode.

Então, é isso o que ele devia fazer.

A família da minha mãe não era de gente rica, mas respeitável. Ela foi educada pacatamente, com música e a literatura apropriadas, e, à mesa, nunca se discutia política, nem mesmo quando os rebeldes estavam a deitar as portas abaixo. Na família dela, eram monárquicos. Aos 12 anos, ela disse-lhes que queria ser freira, mas eles não gostavam de excessos e afiançaram-lhe que o casamento seria mais satisfatório. Ela cresceu em segredo, longe da vista deles. Exteriormente era obediente e terna, mas por dentro alimentava uma fome que lhes teria desagradado, se o desagrado não fosse em si mesmo um excesso. Lia as vidas dos santos e sabia de cor a maior parte da Bíblia. Acreditava que a própria Virgem Santíssima a ajudaria, quando chegasse o momento.

O momento chegou quando ela tinha 15 anos, numa feira de gado. A maior parte da cidade estava na rua, para ver os bois maciços e as ovelhas esganiçadas. A mãe e o pai dela estavam com a boa disposição própria dos dias de festa e, num momento de irreflexão, o seu papá apontou para um homem corpulento, bem vestido, que levava uma criança nos ombros. Disse-lhe que não poderia encontrar melhor para marido, que ele viria jantar com eles mais tarde, e tinha muito empenho em que Georgette (a minha mãe) cantasse depois da ceia. Quando a multidão se adensou, a minha mãe empreendeu a sua fuga, não levando consigo senão as roupas que trazia vestidas e a sua Bíblia, que tinha sempre com ela. Escondeu-se numa carroça de feno e, naquela tarde de sol ardente, partiu da cidade e foi percorrendo

lentamente os campos sossegados, até que a carroça chegou à minha aldeia natal. Absolutamente sem medo, pois acreditava no poder da Virgem, a minha mãe apresentou-se a Claude (o meu pai) e pediu-lhe que a levasse ao convento mais próximo. Ele era um homem obtuso mas bondoso, dez anos mais velho que ela, e ofereceu-lhe uma cama para passar a noite, pensando levá-la para casa dos pais no dia seguinte e, talvez, receber uma recompensa.

Ela nunca voltou para casa e também nunca encontrou o convento. Os dias tornaram-se semanas, e ela tinha medo do pai, que, segundo ouviu dizer, andava a esquadrinhar a região e a deixar subornos em todas as casas religiosas por onde passava. Três meses passaram, e ela descobriu que tinha jeito para as plantas e que era capaz de sossegar os animais assustados. Claude mal falava com ela e nunca a incomodou, mas às vezes ela apanhava-o a observá-la, muito quieto, com a mão a resguardar os olhos do sol.

Uma noite, a altas horas, quando estava a dormir, ela ouviu bater à porta e, aumentando a luz do candeeiro, viu Claude na soleira da porta. Ele tinha feito a barba, estava em camisa de noite e cheirava a sabão carbólico.

— Queres casar comigo, Georgette?

Ela abanou a cabeça e ele foi-se embora, regressando de vez em quando, com o andar do tempo, e ficando sempre junto à porta, barbeado de fresco e a cheirar a sabão.

E ela disse que sim. Não podia ir para casa. Não podia ir para um convento, enquanto o pai andasse a subornar todas as madres superiores com planos de aquisição de um retábulo novo, nem tampouco podia continuar a viver com aquele homem paco e os seus vizinhos faladores, a não ser que ele casasse com ela. Ele meteu-se na cama, ao lado dela, acariciou-lhe a face e,

pegando-lhe na mão, pô-la na sua própria cara. Ela não teve medo, pois acreditava no poder da Virgem.

Depois disso, sempre que ele a queria, batia à porta, exatamente da mesma maneira, e esperava até que ela dissesse que sim.

Depois, nasci eu.

Ela falava-me dos meus avós, da casa deles e do piano que tinham, e uma sombra atravessava o seu olhar ao pensar que eu nunca os veria, mas eu gostava do meu anonimato. Todas as outras pessoas da aldeia tinham uma série de parentes com quem se zangavam e de quem tinham que saber. Eu inventava histórias acerca dos meus. Eles eram o que eu queria que eles fossem, consoante o meu estado de espírito.

Graças aos esforços da minha mãe e à enferrujada erudição do nosso padre, aprendi a ler na minha própria língua, em latim e em inglês, aprendi aritmética, os rudimentos dos primeiros socorros e, como o padre arredondava os seus magros proventos pedindo esmola e jogando, aprendi todos os jogos de cartas e uns quantos truques. Nunca contei à minha mãe que o padre tinha uma Bíblia oca com um baralho de cartas dentro. Às vezes, por engano, ele levava-a para a nossa missa e a leitura, então, era sempre o primeiro capítulo do Génesis. Os aldeões pensavam que ele adorava a história da criação. Era um bom homem, mas tibio. Eu teria preferido um jesuíta ardente; talvez assim eu tivesse podido encontrar o êxtase de que necessito para crer.

Perguntei-lhe porque é que ele era padre e ele disse-me que, quando se tem de trabalhar para alguém, um patrão absentista é o melhor.

Íamos à pesca juntos e ele indicava-me as raparigas de que gostava e pedia-me que o fizesse por ele. Nunca o fiz. Cheguei tarde às mulheres, como o meu pai.



\*

Quando parti, a minha mãe não chorou. Foi Claude quem chorou. Ela deu-me a sua pequena Bíblia, aquela que tinha guardado durante tantos anos, e eu prometi-lhe que a leria.

O cozinheiro viu a minha hesitação e picou-me com um espeto.

— És novato nessas coisas, rapaz? Não tenhas medo. Estas raparigas minhas conhecidas são extremamente asseadas e largas como os campos de França!

Preparei-me, lavando-me da cabeça aos pés com sabão carbólico.

Bonaparte, o corso, nascido em 1769, de signo Leão.

Baixo, pálido, melancólico, com olho para o futuro e uma invulgar capacidade de concentração. Em 1789, a revolução abriu um mundo fechado e, durante algum tempo, até o mais insignificante rapaz de rua teve mais oportunidades à sua frente do que qualquer aristocrata. Para um jovem tenente perito em artilharia, as perspectivas eram boas e, em poucos anos, o general Bonaparte estava a transformar a Itália em campos de França.

— Que é a sorte — disse ele — senão a capacidade de tirar proveito dos acidentes?

Acreditava que era o centro do mundo e, durante muito tempo, não houve nada que o demovesse desta crença. Nem sequer John Bull. Ele estava apaixonado por si próprio e a França aderiu a essa paixão. Foi uma aventura amorosa. Talvez todas as aventuras amorosas sejam assim: não um contrato entre partes iguais, mas uma explosão de sonhos e desejos que não se realizam na vida quotidiana. Só um drama se presta a tanto e, enquanto durar o fogo-de-artifício, o céu terá uma cor diferente. Ele fez-se imperador.

Chamou o papa, da Cidade Santa, para o vir coroar, mas, no último momento, tomou a coroa nas mãos e colocou-a na sua própria cabeça. Divorciou-se da única pessoa que o compreendia, a única pessoa que ele alguma vez amou realmente, porque ela não lhe podia dar um filho. Essa foi a única parte da aventura amorosa que ele não pôde resolver pelos seus próprios meios.

Ele é, à vez, repulsivo e fascinante.

E vocês? O que fariam, se fossem imperadores? Os soldados tornar-se-iam números? As batalhas tornar-se-iam diagramas? Os intelectuais passariam a ser uma ameaça? Acabariam os vossos dias numa ilha onde a comida fosse salgada e a companhia, amena?

Ele era o homem mais poderoso do mundo e não conseguia vencer Josefina no bilhar.

Estou a contar-vos histórias. Acreditem em mim.

O bordel era dirigido por uma gigante oriunda da Suécia. O cabelo dela era amarelo como os dentes-de-leão e, como se fosse uma manta de viagem viva, cobria-lhe os joelhos. Os seus braços estavam nus, o vestido que usava tinha as mangas puxadas para cima e apertadas com um par de ligas. Presa ao pescoço por uma tira de couro, trazia uma boneca de pau com a cara achatada.

Ela viu-me a olhar fixamente para a boneca e, puxando a minha cabeça para ela, obrigou-me a cheirá-la. Cheirava a almíscar e a flores estranhas.

— Da Martinica, como a Josefina do Bonaparte.

Eu sorri e disse:

— *Vive notre dame de victoires!*

Mas a gigante riu-se e disse que Josefina nunca seria coroada em Westminster, como prometera Bonaparte. O cozinheiro disse rispidamente que tivesse cuidado com as palavras, mas

ela não teve medo dele e levou-nos para uma fria sala de pedra, mobilada com catres e uma longa mesa atafalhada de jarros de vinho tinto. Eu vinha à espera de veludo vermelho, pela maneira como o padre descrevera estes lugares de prazer temporário, mas não havia ali amenidade alguma, nada que disfarçasse o nosso comércio. Quando as mulheres entraram, eram mais velhas do que eu imaginara e em nada semelhantes às imagens do livro sobre coisas pecaminosas que tinha o padre. Não lembravam a serpente, não pareciam Eva, não tinham seios como maçãs, eram redondas e resignadas, com o cabelo metido em rolos feitos à pressa ou caído sobre os ombros. Os meus companheiros berraram e assobiaram e emborcaram o vinho, diretamente dos jarros, pela goela abaixo. Eu queria um copo de água, mas não sabia como o havia de pedir.

O cozinheiro foi o primeiro a avançar, dando uma palmada no traseiro de uma das mulheres e dizendo um gracejo qualquer acerca do seu espartilho. Ele trazia as botas do costume, cheias de manchas de gordura. Os outros começaram a afastar-se com os seus pares, deixando-me com uma pachorrenta mulher de dentes negros, que tinha dez anéis num só dedo.

— Acabo de me alistar — disse-lhe eu, na esperança de que ela percebesse que eu não sabia o que havia de fazer.

Ela beliscou-me uma bochecha.

— Isso é o que todos dizem. Julgam que há de ser mais barato, da primeira vez. A isto chamo eu um trabalho difícil, é como ensinar a jogar ao bilhar sem taco.

E deitou uma olhadela ao cozinheiro, que estava sentado num dos catres, tentando tirar a pila para fora. A mulher que ele tinha escolhido estava de joelhos em frente dele, com os braços cruzados. De repente, ele deu-lhe uma bofetada na cara e o estalo fez parar as conversas por um momento.

– Ajuda-me, estupor, mete lá a mão! Não és capaz ou tens medo de enguias?

Vi o lábio dela franzir-se e, apesar da sua pele grosseira, a marca vermelha na bochecha esbraseava. Ela não respondeu, meteu, simplesmente, a mão dentro das calças dele e trouxe-o para fora como um furão agarrado pelo pescoço.

– Mete-o na boca.

Eu estava a pensar em papas de aveia.

– É um cavalheiro, este teu amigo – disse a mulher que estava comigo.

Eu tinha vontade de me deitar a ele e de lhe enfiar a cara no cobertor até ele sufocar. Então, ele veio-se com um grande bramido e deixou-se cair para trás, pesadamente, apoiado nos cotovelos. A mulher pôs-se de pé e, muito deliberadamente, cuspiu para dentro da bacia que estava no chão, depois bochechou com vinho e cuspiu-o também. Fê-lo ruidosamente, o cozinheiro ouviu e perguntou-lhe o que estava a fazer, deitando o seu esperma para os esgotos de França.

– Que outra coisa havia eu de fazer com ele?

Ele veio para ela de punho erguido, mas nunca lhe chegou a bater. A mulher que estava ao pé de mim deu um passo em frente e pregou-lhe com um jarro de vinho na parte de trás da cabeça. Agarrou na sua companheira, por um momento, e deu-lhe um beijo rápido na testa.

Nunca ela me faria isso a mim.

Disse-lhe que estava com dores de cabeça e fui sentar-me lá fora.

Levámos o nosso chefe de volta para o acampamento, revezando-nos aos quatro de cada vez para o transportarmos aos ombros, como num caixão, com a cara voltada para baixo, não fosse ele vomitar. Pela manhã, ele foi pavonear-se para junto

dos oficiais, gabando-se de ter feito a rameira engoli-lo todo e contando que as bochechas dela tinham ficado cheias como as duma ratazana, quando ela o mamou.

— Que aconteceu à tua cabeça?

— Caí de costas, no caminho de regresso — disse ele, olhando para mim.

Ele ia para o deboche quase todas as noites, mas eu nunca mais tornei a ir com ele. Excetuando Domino e Patrick, o ex-padre com olho de lince, eu mal falava com quem quer que fosse. Passava o meu tempo a aprender a rechear um frango e a retardar o processo de cozedura. Estava à espera de Bonaparte.

Finalmente, numa manhã de calor em que o mar deixava crateras de sal entre as pedras da doca, ele apareceu. Chegou acompanhado dos seus generais, Murat e Bernadotte. Chegou acompanhado do seu novo almirante, o comandante supremo da Armada. Chegou acompanhado da esposa, cuja graça levou mesmo o mais rude do acampamento a engraxar as botas duas vezes. Mas eu não vi ninguém, a não ser ele. Durante anos, o padre, meu mentor, que apoiara a Revolução, me tinha dito que Bonaparte talvez fosse o Filho de Deus regressado à Terra. Aprendi as suas batalhas e campanhas, em vez de história e de geografia. Debrucei-me com o padre sobre um velho mapa-múndi incrivelmente engelhado, olhando para os sítios onde ele tinha ido e vendo as fronteiras da França a dilatar-se lentamente. O padre trazia consigo um desenho de Bonaparte juntamente com o seu desenho da Virgem Santíssima, e eu cresci com ambas as imagens, sem que o soubesse minha mãe, que continuava a ser monárquica e ainda rezava pela alma de Maria Antonieta.


Eu tinha apenas 5 anos, quando a Revolução transformou Paris numa cidade de homens livres e a França no flagelo da Europa.

Cozinheiro dedicado de Napoleão, Henri é um soldado inocente e ingénuo cuja devoção pelo seu imperador se transforma em ódio com o violento desenrolar da guerra. Desesperado por escapar às agruras da frente russa, Henri acaba por conhecer Villanelle, uma jovem veneziana de cabelos vermelhos cujo coração foi perdido e apostado no jogo. Juntos fogem de uma Moscovo sitiada em direção à decadência de Veneza, cidade do carnaval, da sorte e do azar, onde, «entre o medo e o sexo», poderão, finalmente, encontrar o seu destino.

Obra maior de Jeanette Winterson, *A Paixão* é um clássico moderno cujo estilo, irreverência e beleza confirmam o lugar cimeiro de uma das escritoras mais aclamadas da literatura contemporânea.

«Uma fantasia, um sonho vívido... inventivo e brilhante.»  
*The Guardian*

«A prosa, maravilhosamente intrincada,  
lembra o ritmo dos contos de fadas; o seu enredo incorpora  
a magia, a sagesa e a brutalidade destes.»  
*The New York Times*

<b>ELSINORE</b> entre nós e as palavras 20 20 editora	ISBN 978-989-668-889-9  9 789896 688899 Literatura Traduzida
YOU ARE WELCOME TO <a href="http://WWW.ELSINORE.PT">WWW.ELSINORE.PT</a>	